O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 23 | Nº 67 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.16783746

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

TEATRO E MOVIMENTO SOCIAIS NA AMAZÔNIA ACREANA (1970-1980)

Elderson Melo de Miranda[1]

Helder Carlos de Miranda[2]

Valeska Ribeiro Alvim[3]

Resumo

Este ensaio explora a interseção entre a arte teatral e os movimentos sociais na Amazônia acreana nas décadas de 1970 e 1980, especialmente em Rio Branco. Tem por objetivo investigar como os grupos teatrais atuaram como agentes sociais e políticos, contribuindo para a construção da cidadania e transformação urbana, social e trabalhista durante um período marcado pela ditadura e pela luta dos seringueiros e indígenas pela posse da terra. A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza qualitativa, tendo como principal fonte de dados primários a pesquisa documental e como fonte secundárias referências bibliográficas. O corpus da investigação é composto por relatos artísticos, críticas teatrais, materiais promocionais de grupos de teatro, reportagens jornalísticas e documentos vinculados a movimentos sociais que estabelecem diálogo com práticas cênicas. Para a análise dos dados, foi empregada a abordagem historiográfica, que se baseia na interpretação de documentos para construção historiográfica. Os resultados revelam que o teatro serviu como elo entre diferentes segmentos da sociedade, promovendo o diálogo e engajamento político, e consolidando-se como ferramenta essencial na defesa de direitos e na articulação das lutas sociais acreanas. A análise conclui que as experiências vívidas e as produções criadas por grupos teatrais, como o Grupo Testa e o Grupo De Olho Na Coisa, demonstram que a arte cênica, além de entreter, tem a capacidade de provocar discussão e mobilizar comunidades em torno de questões sociais urgentes. Em tempos de opressão e adversidade, o teatro se destaca como um instrumento potente de engajamento social, promovendo a reflexão crítica e uma possível reconfiguração das relações sociais, políticas e culturais na região do Acre e além.

Palavras-chave: Amazônia Acreana; Movimentos Sociais; Teatro Político; Transformação Sociocultural.

Abstract

This essay explores the intersection between theatrical art and social movements in the Acrean Amazon during the 1970s and 1980s, particularly in the city of Rio Branco. Its aim is to investigate how theater groups acted as social and political agents, contributing to the development of citizenship and to urban, social, and labor transformation during a period marked by military dictatorship and the struggle of rubber tappers and Indigenous peoples for land rights. The research adopts a qualitative methodology, using documentary research as its primary data source and bibliographic references as secondary sources. The corpus includes artistic accounts, theater reviews, promotional materials from theater groups, news reports, and documents related to social movements that engage with theatrical practices. For data analysis, a historiographic approach was employed, based on the interpretation of documents to construct historical narratives. The findings reveal that theater served as a bridge between different sectors of society, fostering dialogue and political engagement, and establishing itself as a vital tool in the defense of rights and the coordination of Acrean social struggles. The analysis concludes that the lived experiences and productions of theater groups such as Grupo Testa and Grupo De Olho Na Coisa demonstrate that theatrical art, beyond entertainment, has the power to spark discussion and mobilize communities around urgent social issues. In times of oppression and adversity, theater emerges as a powerful instrument of social engagement, encouraging critical reflection and the potential reconfiguration of social, political, and cultural relations in the Acre region and beyond.

Keywords: Acrean Amazon; Political Theater; Social Movements; Sociocultural Transformation.

[1] Professor da Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: elderson.miranda@ufac.br

[2] Professor da Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutor em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: helder.miranda@ufac.br

[3] Professora da Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutora em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: valeska.alvim@ufac.br

INTRODUÇÃO

Este texto explora a interseção entre a arte teatral e os movimentos sociais na Amazônia acreana durante as décadas de 1970 e 1980, com um foco particular na cidade de Rio Branco. O objetivo principal é investigar como os grupos teatrais atuaram como agentes sociais e políticos, contribuindo para a construção da cidadania e para a transformação urbana, social e trabalhista em um período marcado pela ditadura militar e pela luta dos seringueiros e indígenas pela posse da terra. A análise se concentra na maneira como o teatro serviu como elo entre diferentes segmentos da sociedade, promovendo o diálogo e o engajamento político, e consolidando-se como uma ferramenta essencial na defesa de direitos e na articulação das lutas sociais acreanas.

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa, tendo como abordagem principal o método dedutivo, que possibilita estabelecer relações e desenvolver novas hipóteses a partir de teorias e conceitos previamente definidos. O levantamento de dados foi realizado por meio da análise documental, contemplando relatos artísticos, críticas teatrais, materiais promocionais de grupos teatrais, reportagens jornalísticas e documentos vinculados a movimentos sociais que dialogam com práticas cênicas. Esses documentos constituíram as fontes primárias da pesquisa.

Como fonte secundária, foi utilizada a pesquisa bibliográfica com base em textos científicos disponibilizados no Google Scholar. O foco recaiu sobre obras acadêmicas, artigos científicos, livros, teses, dissertações e documentos históricos que abordam temas como teatro aplicado, movimentos sociais, justiça social, educação crítica e territorialidade na região amazônica, com ênfase no Estado do Acre.

A análise dos dados foi conduzida por meio da pesquisa historiográfica, que se fundamenta na interpretação de documentos, relatos e narrativas, permitindo a construção de uma compreensão histórica a partir de múltiplas perspectivas.

O ensaio tem início com os referenciais teóricos que sustentam a abordagem crítica e reflexiva do estudo. De modo subsequente é apresentada a seção de metodologia, na qual são definidos os procedimentos adotados para a condução da análise. Em seguida, a seção Territorialidade e Movimentos Culturais no Estado do Acre aborda a influência da realidade socioeconômica do estado na mobilização das manifestações culturais locais. Na sequência, o texto discute o tópico dos Movimentos Sociais e Grupos de Teatro, destacando o papel do teatro nas lutas sociais, atuando como instrumento de resistência, inclusão e representação. A subseção seguinte do estudo apresenta exemplos de grupos teatrais atuantes no Acre, ilustrando a diversidade e o impacto desses coletivos na cena cultural local. Por fim, são trazidas as Considerações Finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A relação entre teatro e movimentos sociais tem se consolidado como um campo fértil de investigação acadêmica, especialmente em contextos marcados por desigualdades históricas e lutas populares. Na Amazônia acreana das décadas de 1970 e 1980, o teatro emergiu como uma ferramenta de resistência e mobilização, articulando narrativas culturais com demandas políticas urgentes, como a luta pela terra protagonizada por seringueiros e povos indígenas. Para compreender essa atuação, é necessário recorrer a estudos que exploram o potencial do teatro como prática participativa, educativa e transformadora, capaz de promover o engajamento comunitário, a justiça social e o enfrentamento de traumas coletivos.

Este referencial teórico reúne contribuições que discutem o teatro aplicado, o teatro comunitário, o Teatro do Oprimido e metodologias de pesquisa-ação participativa, evidenciando como essas abordagens têm sido utilizadas para fomentar o empoderamento de grupos marginalizados, estimular o pensamento crítico e provocar mudanças sociais significativas. A análise contempla também o papel do teatro na promoção da equidade racial, na recuperação de traumas, na conscientização ambiental e na formação identitária de jovens em contextos periféricos.

A interação entre teatro e movimentos sociais tem atraído atenção acadêmica significativa nos últimos anos, refletindo um crescente reconhecimento das artes como um catalisador para a mudança social. Dentro deste contexto, o teatro serve não apenas como um meio artístico, mas também como uma plataforma para diálogo, empoderamento e engajamento comunitário. Por meio do teatro de pesquisa participativa baseada na comunidade (CBPR), as iniciativas podem aumentar o envolvimento e abordar desigualdades sistêmicas endêmicas em grupos historicamente marginalizados. Spencer *et al*. detalham como o teatro CBPR promove a coaprendizagem cooperativa e a construção de capacidades, permitindo que comunidades desfavorecidas moldem as narrativas que afetam suas vidas diretamente (SPENCER *et al*., 2023). Esta abordagem participativa se alinha com os princípios mais amplos de justiça social, onde a participação e o empoderamento são centrais.

A justiça social incorpora o ideal de acesso equitativo a direitos, oportunidades e apoio social, visando retificar desigualdades históricas. Zubrickienė e Anužienė destacam que a educação desempenha um papel fundamental na promoção da justiça social, ressaltando a necessidade de empoderar indivíduos para defender seus direitos dentro das estruturas sociais (ZUBRICKIENĖ; ANUŽIENĖ, 2022). Esse trabalho sugere que o teatro não apenas facilita o crescimento pessoal, mas também possibilita uma compreensão mais profunda das estruturas sociais que perpetuam a desigualdade.

Além disso, a relação entre o teatro e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS),

especificamente o ODS 10 sobre redução da desigualdade, é cada vez mais reconhecida. Freebody argumenta que o teatro pode ser enquadrado na análise de políticas para abordar as desigualdades de forma sistemática e criativa (FREEBODY, 2023). Isso se alinha à noção de que o teatro participativo pode servir como uma ferramenta de advocacy e responsabilização social, com foco em narrativas que reflitam as experiências vividas por aqueles marginalizados na sociedade. O teatro, portanto, funciona tanto como uma forma de arte quanto como um mecanismo de crítica social, engajando o público em práticas reflexivas que desafiam o status quo.

O surgimento de metodologias de pesquisa-ação participativa no teatro apresenta um caminho promissor para a reavaliação de práticas que priorizam as necessidades da comunidade. As reflexões de Busby indicam que muitos projetos rotulados como participativos frequentemente falham em alcançar níveis emancipatórios mais profundos, o que pode comprometer significativamente sua eficácia (BUSBY, 2024). Essa crítica enfatiza a obrigação dos profissionais de teatro de refletir criticamente sobre suas metodologias para garantir que elas envolvam genuinamente os participantes na construção dos resultados.

Além disso, o poder do teatro para articular temas complexos de justiça social estende-se a diversos contextos, incluindo saúde, direito e educação. O potencial transformador do teatro para desafiar narrativas normativas e fomentar o diálogo sobre questões sociais urgentes é evidente na obra de Sertich, que articula as possibilidades radicais do Teatro do Oprimido (SERTICH, 2021). Este modelo permite que os participantes visualizem e confrontem injustiças sociais, catalisando assim o empoderamento pessoal e comunitário.

> Embora eu esteja dividido, tento fornecer uma imagem o mais precisa possível sobre as realidades da profissão, ao mesmo tempo em que os ajudo a se inclinar, apreciar e ampliar resultados como autoestima/amor, vulnerabilidade, adaptabilidade, colaboração, criatividade, empatia e unidade como habilidades essenciais, que fornecem uma plataforma sólida para qualquer campo que escolherem, especialmente na criação de seu próprio trabalho (SERTICH, 2021, p. 131).

Ao examinarmos o papel do teatro em iniciativas de justiça social, torna-se evidente que a interseccionalidade desempenha um papel crucial nesses diálogos. O trabalho de Lekov e outros explora ainda mais as relações matizadas entre diversas formas de opressão, propondo que práticas teatrais inclusivas podem iluminar essas intersecções (HOLE; SCHNELLERT, 2024). Sua investigação sobre o teatro para pessoas com deficiência como forma de pesquisa-ação participativa crítica demonstra como essas práticas podem romper barreiras e promover a autonomia em comunidades historicamente marginalizadas.

A relevância do teatro vai além da mera exploração de fenômenos sociais; ele serve como um

método profundo para incutir resiliência e defender a equidade em múltiplos setores. Conforme indicado pelos esforços colaborativos discutidos por Gregorzewski *et al*. no enfrentamento da violência contra crianças por meio do teatro aplicado, as artes podem mobilizar comunidades para influenciar políticas que visem promover ambientes mais seguros (GREGORZEWSKI *et al*., 2023).

Segundo os autores:

> Nossas reflexões sobre este estudo de caso sugerem que o teatro aplicado só pode aspirar a contribuir para a transformação social ao provocar nos participantes o desejo de se tornarem agentes responsáveis e empáticos pela mudança social. O teatro aplicado pode realizar essa provocação, incentivando alunos e professores a superar a ideia de que são vítimas sem voz ou espectadores passivos que se adaptam cegamente, conformando-se às normas aceitas (GREGORZEWSKI *et al.*, 2023, p. 14).

Dessa forma, para os autores, o teatro aplicado é mais do que uma prática artística — é uma ferramenta de conscientização e transformação. Ele desafia o conformismo, estimula o pensamento crítico e empático, promove relações igualitárias e inspira o compromisso com a justiça social. Em suma, é um convite para que todos deixem de ser espectadores e se tornem protagonistas da mudança.

A exploração do teatro como ferramenta para mudança social está encapsulada no trabalho de Wasmuth *et al*., que examinam o racismo antinegro por meio do teatro narrativo em ambientes de terapia ocupacional. Seu estudo destaca como o teatro pode mitigar preconceitos ao promover conexões empáticas por meio da narrativa, abordando assim o racismo sistêmico dentro de disciplinas profissionais (WASMUTH *et al*., 2022). Isso se alinha com afirmações anteriores sobre o potencial do teatro para cultivar a consciência crítica e facilitar diálogos sobre tópicos sensíveis, demonstrando sua aplicabilidade em vários campos além da arte performática tradicional. Da mesma forma, Goldmann discute como teatros operados por negros moldaram movimentos culturais e sociais durante épocas políticas significativas, ressaltando que as instituições teatrais têm servido há muito tempo como veículos para expressão cultural e organização comunitária (GOLDMANN, 2021).

Além disso, as contribuições singulares do teatro de rua para o ativismo popular não podem ser ignoradas. A análise de Mullany enfatiza seu papel na promoção da mudança social por meio do engajamento público e da performance interativa (MULLANY, 2024). O teatro de rua atua como uma força democratizadora, levando mensagens diretamente à população e transformando espaços públicos em arenas de conscientização. Essa dinâmica demonstra como o teatro reflete questões sociais e participa ativamente da reformulação da consciência pública, particularmente em contextos onde as vias convencionais de *advocacy* podem ser limitadas.

O impacto da educação teatral também tem recebido atenção em estudos recentes, com foco em seu papel no desenvolvimento de jovens e na conscientização social. Camargos ilustra como jovens de

bairros periféricos atribuem significados positivos às suas experiências com o teatro, reconhecendo seu potencial transformador para a formação de identidade e consciência social (CAMARGOS, 2023). Isso destaca como a integração do teatro às estruturas educacionais pode facilitar a emancipação pessoal e coletiva, transformando os alunos em agentes sociais informados.

Além disso, a capacidade das artes de lidar com dificuldades como traumas psicológicos é cada vez mais reconhecida. Abed discorre sobre como atividades teatrais e artísticas em ambientes educacionais podem auxiliar na recuperação de traumas, apresentando a arte como uma estratégia de cura que fomenta o engajamento comunitário (ABED, 2024). Isso se alinha a perspectivas terapêuticas, demonstrando como o teatro pode operar como um espaço de expressão emocional e cura em comunidades marginalizadas.

A relevância do teatro na abordagem de questões ambientais também está emergindo, como visto na análise de Ray *et al*. que discute empreendedorismo social coletivo e pesquisa-ação participativa crítica (RAY *et al*., 2024). A integração de métodos artísticos nessas discussões reflete um crescente reconhecimento do papel do teatro na resiliência comunitária, especialmente em relação aos movimentos de justiça ecológica. Essa convergência entre teatro e ativismo enriquece o discurso sobre questões ambientais e ilustra o potencial da performance como forma de conscientização e mobilização coletiva.

Ao sintetizar essas contribuições acadêmicas, torna-se evidente que o teatro funciona como uma ferramenta complexa e multifacetada dentro dos movimentos sociais. Os estudos revisados destacam sua utilidade no enfrentamento de injustiças raciais, na promoção do bem-estar psicológico e no fomento da consciência ambiental. A interação entre teatro e ativismo social sugere um caminho vital para pesquisas futuras, especialmente na exploração de como essas práticas podem ser aproveitadas para enfrentar os desafios contemporâneos enfrentados por comunidades marginalizadas.

Esta investigação sobre o papel do teatro nos movimentos sociais ressalta sua importância histórica e convida ao diálogo contínuo sobre sua natureza evolutiva nos contextos contemporâneos. À medida que artistas e ativistas utilizam a performance para desafiar normas sociais e defender a justiça, o campo abre inúmeras possibilidades para parcerias inovadoras e colaborações interdisciplinares com o objetivo de promover mudanças sociais significativas.

Assim, a escolha de investigar a atuação dos grupos teatrais na Amazônia acreana entre as décadas de 1970 e 1980 se justifica pela necessidade de reconhecer e valorizar as formas pelas quais a arte contribuiu para os processos de mobilização popular e construção de cidadania. Ao considerar o teatro como ferramenta de ação política e cultural, este estudo propõe uma leitura que conecta estética e território, revelando como as manifestações artísticas se inserem nas dinâmicas sociais e espaciais da região. A seguir, o tópico sobre Territorialidade e movimentos culturais no Estado do Acre aprofundará

essa relação, evidenciando como o teatro dialogou com os conflitos fundiários, as identidades locais e os movimentos sociais que marcaram profundamente a história acreana.

METODOLOGIA

Este ensaio apresenta uma síntese de uma parte das investigações sobre movimentos artísticos no Estado do Acre, fundamentadas em estudos prévios conduzidos por dois de seus autores (MELO, 2010; ALVIM, 2018). As pesquisas realizadas adotaram uma abordagem qualitativa, escolhida por sua capacidade de explorar as nuances da experiência humana e as complexas interações sociais que permeiam o campo artístico. Essa metodologia se destaca por permitir uma compreensão aprofundada dos significados atribuídos às vivências dos sujeitos envolvidos, sendo amplamente reconhecida e aplicada em áreas como sociologia, psicologia e artes, onde a subjetividade e a interpretação desempenham papéis centrais (FREITAS *et al*., 2020).

A abordagem dedutiva foi adotada como eixo metodológico central desta pesquisa, por sua capacidade de articular teorias consolidadas com contextos específicos. Fundamentada na lógica que parte de premissas gerais para a análise de casos particulares, essa estratégia permite não apenas a aplicação de conceitos previamente definidos, mas também a formulação de novas hipóteses a partir da observação empírica. Segundo Bezerra, Amorim e Pachaeco (2024), a abordagem dedutiva mostra-se especialmente eficaz em estudos que visam compreender experiências singulares à luz de arcabouços teóricos já estabelecidos, favorecendo a construção de interpretações coerentes e sistemáticas. Essa escolha metodológica reforça o compromisso da pesquisa com a precisão teórica e a profundidade analítica, aspectos essenciais para a investigação de fenômenos complexos como os movimentos artísticos e sociais na região amazônica.

O procedimento de levantamento de dados adotado nesta pesquisa baseou-se na análise documental, contemplando uma variedade de fontes, como relatos artísticos, críticas teatrais, materiais promocionais de grupos de teatro, matérias jornalísticas e documentos vinculados a movimentos sociais que dialogam com práticas cênicas. A investigação de registros históricos — especialmente matérias de jornais e artigos sobre produções teatrais surgidas em resposta a questões sociais — permitiu mapear como essas obras contribuíram para a visibilidade (ou invisibilidade) de determinadas narrativas sociais.

Neste estudo, foram analisados materiais provenientes de dois grupos teatrais atuantes nas décadas de 1970 e 1980, cujas produções se destacaram por seu engajamento político e cultural. A leitura crítica desses documentos, articulada com o levantamento realizado na revisão de literatura, possibilitou identificar interseções significativas entre arte e luta social, evidenciando como o teatro de grupo

funcionou como instrumento de resistência, denúncia e autoafirmação identitária.

Dessa forma, os documentos foram utilizados como fonte primária de dados, proporcionando uma rica compreensão das características sociais estudadas. Essa técnica envolve a coleta, leitura e interpretação de uma variedade de documentos relevantes para o tema de investigação (JI, 2024). Esse tipo de dado se destaca por sua capacidade de explorar contextos históricos e sociais que moldam as experiências e percepções dos indivíduos (MONICA *et al*., 2024).

Como fonte secundaria foram utilizados estudos bibliográficos, por meio de uma pesquisa na plataforma científica Google Scholar. O levantamento inicial focou em obras acadêmicas, artigos científicos, livros, teses, dissertações e documentos históricos que abordam o teatro aplicado, movimentos sociais, justiça social, educação crítica e territorialidade na região amazônica, especialmente no Estado do Acre.

Os critérios de inclusão foram definidos com base em dados de publicação, relevância do tópico e impacto acadêmico, utilizando análises bibliométricas como número de solicitações e fator de impacto das publicações. A busca foi realizada com palavras-chave específicas relacionadas ao tema para garantir um filtro eficaz das informações mais relevantes (ROCHA; MARTINS, 2024).

Para análise dos dados, foi utilizada a pesquisa historiográfica. A análise historiográfica é uma metodologia que se destaca na pesquisa qualitativa, permitindo um exame crítico e aprofundado de dados históricos a partir de uma variedade de fontes. Essa abordagem é fundamental para compreender como os contextos históricos influenciam questões contemporâneas e sociais. Na prática, a análise historiográfica se fundamenta na interpretação de documentos, relatos e narrativas que constroem a história a partir de diferentes pontos de vista, oferecendo uma rica fonte de dados para o pesquisador.

A reflexividade do pesquisador é uma característica essencial na análise historiográfica, pois a compreensão e interpretação dos dados podem ser influenciadas pelas opiniões e experiências pessoais do pesquisador. Portanto, a consciência crítica do pesquisador sobre sua posição em relação ao objeto de estudo é fundamental para evitar distorções na interpretação dos dados. Moraes e Martins (2023) indicaram que tal abordagem não apenas fornece uma compreensão mais rica e fundamentada, mas também permite que os pesquisadores considerem as nuances e complexidades das questões abordadas em suas pesquisas. Essa profundidade na análise é um dos principais componentes da pesquisa qualitativa.

Por fim, como um espelho metodológico, menciona-se aqui três artigos que analisam diferentes aspectos da cultura e da educação por meio de metodologias historiográficas e qualitativas, com foco na análise documental e revisão bibliográfica. No estudo de Edilene Tavares Pessoa Santiago (2004) sobre a dramaturgia rondoniense, a investigação combina análise de peças teatrais com entrevistas a autores, atores e produtores, abrangendo o período de 1970 ao início dos anos 2000, para compreender como a

mimese literária constrói representações femininas e identidades culturais na Amazônia. Já Elderson Melo de Miranda (2003), ao examinar cartas de viajantes europeus dos séculos XVI a XIX, utiliza estudo documental e revisão bibliográfica para identificar estratégias discursivas que moldaram uma imagem estereotipada da Amazônia, revelando o apagamento das culturas originárias. Por fim, o artigo de Shirleide Pereira da Silva Cruz e Ana Maria de Oliveira Galvão (2025) adota uma revisão bibliográfica de publicações brasileiras entre 2007 e 2024, utilizando os descritores formação cultural docente e políticas culturais, para mapear práticas culturais vinculadas à formação docente e à construção de saberes pedagógicos, destacando o papel educativo de instituições como museus, rádio e cinema.

TERRITORIALIDADE E MOVIMENTOS CULTURAIS NO ESTADO DO ACRE

O Acre, localizado na região norte do Brasil, é reconhecido por sua geografia rica, marcada por florestas tropicais e uma biodiversidade vasta, que desempenha um papel fundamental na regulação climática global (SILVA; CORREIA, 2022). A relação entre o ambiente natural e as comunidades que habitam o Acre é complexa e dinâmica, com um significativo número de indígenas e ribeirinhos dependendo dos recursos naturais para sua subsistência (MACIEL *et al*., 2021). Essa interdependência entre as práticas de subsistência e a preservação ambiental tornou a região palco de distintas disputas territoriais e ambientais, que se alinham com a crescente discussão em ambientes acadêmicos sobre como as identidades culturais, em determinadas regiões do mundo, se formam em resposta a contextos sociopolíticos específicos e mudanças ambientais (FORD, 2023).

Durante o século XIX, aproximadamente 50 grupos indígenas habitavam a região, vivendo em um ambiente que enfatizava a autossuficiência social, conhecido entre eles como o “tempo das malocas” (CAMARA, 2020). Essa dinâmica social refletia uma forte organização comunitária, essencial para a preservação de suas culturas. No entanto, com a Revolução Industrial e a demanda global pela borracha, a Amazônia se tornou palco de colonização, com a imigração de sujeitos de distintas localidades do Brasil e do mundo que vinham explorar as terras e os recursos da região. A colonização proporcionou um fenômeno de mudanças na posse de terra e no modo de vida até então empregado na região. Esse fenômeno também é observado em contextos globais, onde as comunidades enfrentam desafios similares devido à colonização para exploração de recursos (LUZ, 2021).

A economia baseada na extração do látex tornou-se o eixo estruturante da Amazônia Ocidental entre o final do século XIX e meados do século XX, impulsionada pela crescente demanda internacional por borracha natural, especialmente durante a Segunda Revolução Industrial e a Segunda Guerra Mundial. Esse ciclo econômico, conhecido como Ciclo da Borracha, promoveu um desenvolvimento urbano

acelerado em cidades como Manaus e Belém, mas também consolidou profundas desigualdades sociais e uma estrutura de exploração marcada pelo sistema de aviamento.

Segundo Faludi (2016) embora o látex tenha sido o motor da economia regional, as tensões geradas pela lógica colonial de exploração deixaram um legado duradouro de marginalização. O modelo extrativista não apenas concentrou riquezas nas mãos de uma elite seringalista, como também perpetuou relações de trabalho marcadas pela dependência, violência e ausência de direitos formais.

Ranzy (2008) destaca que o seringal constituiu o núcleo econômico-social mais expressivo da Amazônia, funcionando como a primeira grande unidade produtiva da região. A estrutura dos seringais incluía o barracão — centro de abastecimento e controle — e as estradas de seringa, onde os trabalhadores, em condições precárias e isoladas, percorriam longas distâncias para extrair o látex.

Conforme Pizarro (2014) os seringueiros eram trabalhadores tratados como meros instrumentos produtivos, privados de reconhecimento humano, tanto no Congo quanto na floresta amazônica. Essa condição era agravada pelo sistema de aviamento, que mantinha os seringueiros presos em um ciclo de dívida e violência, configurando uma forma de escravidão moderna. A cultura dos seringais, apesar de marcada por exclusão, também gerou uma identidade amazônica híbrida, formada pela convivência entre nordestinos, indígenas e caboclos.

Com o declínio da economia da borracha na década de 1970, conforme analisam Jung *et al*. (2014), iniciou-se uma transição para a pecuária, impulsionada por incentivos governamentais. Essa mudança gerou impactos ambientais severos, com vasto desmatamento, e intensificou os conflitos territoriais. A luta dos seringueiros passou a articular a preservação da floresta e o reconhecimento de seus modos de vida. Esterci e Schweickardt (2010) observam a emergência de novas formas de mobilização e lideranças, como Chico Mendes, que consolidaram movimentos sociais pela defesa da floresta e dos direitos territoriais. Hsiao; Wan (2017) apontam que tais lutas refletem padrões globais de resistência em busca de justiça social e ambiental, reforçando a importância de um diálogo intercultural em contextos de opressão territorial.

> Nesse período – final da década de 1970 até meados dos anos 1980 – a cidade de Rio Branco inchava com o surgimento dos primeiros bairros, resultado da expulsão de famílias de seringueiros de suas terras para dar lugar à pecuária (Palheiral, Sobral, João Eduardo, Aeroporto), região hoje conhecida como Baixada do Sol. Por outro lado, no interior da floresta, especialmente nos municípios de Xapuri e Brasiléia, surge um movimento de resistência contra a expulsão de pessoas que viviam e sobreviviam da extração da borracha e de outros produtos. Nessa luta, a mata arde e lideranças seringueiras como Wilson Pinheiro, Ivair Higino e outros são assassinados (MELO, 2010, p. 76).

As condições adversas experimentadas por ex-seringueiros e comunidades indígenas levaram a

uma mobilização comunitária em torno do reconhecimento de seus direitos, um fenômeno que se reflete nas lutas por identidade cultural em contextos multiculturais ao redor do mundo (MICKEVICIUS *et al*., 2022). A interseção entre as lutas por direitos sociais, ambientais e a preservação cultural é particularmente pertinente, considerando que essas dimensões muitas vezes se sobrepõem nas narrativas de movimentos sociais.

Estudos mostram que as resistências culturais e a mobilização artística, simbolizadas por líderes como Chico Mendes, não apenas lutam contra a exploração, mas também são expressões fundamentais na busca por reconhecimento e valorização cultural (BELOV, 2021). Este ativismo, quando associado a narrativas culturais, fortalece a identidade comunitária e aciona um apelo crescente pela autonomia, situação comum nas experiências de comunidades indígenas globalmente.

A análise do Acre revela que a luta pela terra, pela cultura e pelos direitos humanos é um esforço constante dentro de um panorama que transcende fronteiras. A construção de identidades culturais em meio a processos de resistência e diálogos interculturais é um tema emergente na pesquisa, enfatizando a importância de recolocar as experiências locais dentro do diálogo acadêmico global e contemporâneo. Assim, a reflexão sobre as lutas acreanas pode contribuir significativamente para a compreensão mais ampla de movimentos sociais e identidade cultural em um contexto cada vez mais globalizado.

As resistências tão bem representadas por Chico Mendes ecoaram nas manifestações culturais e sociais do estado, originando embates travados nos seringais que lutavam por direitos territoriais e ambientais, o que, por sua vez, impulsionava a luta por uma imprensa forte e cultural. As transformações nos meios sociais intensificam o jornalismo cultural do estado, que se confunde com o surgimento dos primeiros movimentos artísticos (MIRANDA, 2023).

Portanto, uma análise da territorialidade e dos movimentos culturais no Estado do Acre deve ser contextualizada dentro de uma narrativa mais ampla que abrange não apenas as experiências locais, mas também as interações sociais, políticas e culturais globais, criando uma ponte entre as lutas por direitos na Amazônia e outras partes do mundo

Movimentos sociais e grupos de teatro

Durante as décadas de 1970 e 1980, o Acre foi palco de um significativo fortalecimento da organização de movimentos sociais, que se tornou crucial para a luta por direitos e a promoção da justiça social na região. Os sindicatos rurais, especialmente em municípios como Xapuri e Brasiléia, desempenharam um papel proeminente, com a resistência dos trabalhadores marcando esse período. O assassinato do líder sindical Wilson Pinheiro, em 1980, é um marco que desencadeou mobilizações em

nível nacional, chamando a atenção para a realidade dos trabalhadores na Amazônia (SILVA; CORREIA, 2022). Esta mobilização culminou em propostas concretas, como a criação de reservas extrativistas e a demarcação de terras indígenas, com líderes como Chico Mendes defendendo a necessidade de proteger os direitos dos trabalhadores rurais em face das violações sistemáticas (MACIEL *et al*., 2021).

Os meios de comunicação alternativos foram vitais para divulgar as ações dos movimentos sociais e denunciar os abusos vividos por seringueiros, indígenas e posseiros. Jornais como *Varadouro* e boletins como *Nós Irmãos* tornaram-se plataformas essenciais para que esses grupos expressassem suas demandas, frequentemente ignoradas pela imprensa tradicional (FORD, 2023). A presença das comunidades eclesiais de base, que colaboravam com sindicatos e associações, criando uma organização popular, foi um componente fundamental na luta por direitos sociais e condições de vida digna (CAMARA, 2020).

Nesse contexto, a arte e a cultura emergiram como formas significativas de resistência. Grupos teatrais em Rio Branco tornaram-se plataformas não apenas de entretenimento, mas também de engajamento cívico, refletindo a união de diversos setores da sociedade em torno de um projeto comum de cidadania (FALUDI, 2016). Essas iniciativas artísticas foram um meio poderoso de sensibilização e politização da população (SILVA; CORREIA, 2022).

A prática teatral passou a ser concebida como uma ferramenta de ação política e intervenção social. Grupos acreditavam na capacidade do teatro de não apenas refletir a realidade, mas também de influenciá-la, engajando-se em questões sociais urgentes (HSIAO; WAN, 2017). Os coletivos teatrais do Acre, assim, se tornaram espaços de experimentação e resistência, onde a arte se uniu às lutas sociais emergentes (JUNG *et al*., 2014). A influência de métodos teatrais como o Teatro do Oprimido de Augusto Boal foi notável, e os grupos procuraram adaptar essas abordagens às realidades locais, refletindo diretamente as dificuldades enfrentadas pela população.

O cenário teatral do Acre na década de 1970-80 ilustra a intersecção entre arte e ativismo, onde o teatro não apenas contava histórias, mas também buscava alterar a realidade daquelas que o assistiam, mostrando que as práticas artísticas podem contribuir para mudanças sociais e formar identidades coletivas (JUNQUEIRA, 2013). Essa herança continua a influenciar a cena cultural do estado, evidenciando a importância do teatro como um espaço de resistência e transformação social.

Esses grupos tinham como característica principais: produzir coletivamente; atuar fora do âmbito profissional; levar o teatro para o público da periferia; produzir um teatro popular; estabelecer um compromisso de solidariedade com o espectador e sua realidade (MIRANDA; MIRANDA, 2004).

Um aspecto importante do teatro produzido nessa época foi a incorporação de elementos da cultura

popular e da oralidade, criando um espaço estético que respeitava e valorizava as tradições locais (MICKEVICIUS *et al*., 2022). A utilização de recursos cênicos inovadores permitiu uma maior aproximação do público com as narrativas encenadas, democratizando o acesso à cultura e instituindo uma arte que fosse inclusiva (BELOV, 2021). O teatro amador inicialmente se configurou como um espaço de formação política e cultural fundamental para a organização social e a luta por reconhecimento e direitos territoriais (CREASAP, 2012).

O cenário teatral do Acre ilustra a intersecção entre arte e ativismo, onde o teatro não apenas contava histórias, mas buscava alterar a realidade daquelas que o assistiam. Pelas performances, os grupos teatrais promoviam uma discussão ativa e crítica sobre a realidade social e política que envolvia suas vidas e comunidades. Como menciona Junqueira (2013), as práticas artísticas podem contribuir para mudanças sociais e formar identidades coletivas (ÇAYLI, 2017).

Dessa maneira, o teatro popular foi mais do que uma forma de entretenimento; tornou-se um meio capaz de fomentar diálogos sobre questões sociais prementes, como a exploração ambiental e a desigualdade socioeconômica. Ao levar suas performances para as periferias de Rio Branco, esses coletivos tornaram-se agentes de inclusão social, proporcionando a possibilidade de que indivíduos, frequentemente excluídos das esferas culturais tradicionais, tivessem acesso à arte e visibilidade (ANTONSICH, 2017). O legado do teatro engajado no Acre permanece significativo, reforçando a importância da arte como um espaço de resistência e transformação social em tempos de crise.

Exemplo de grupos

Muitos grupos teatrais possuíram importante relevância no cenário cultural do Acre, especialmente durante as décadas de 1970 e 1980. Entre esses grupos, destacam-se o Grupo Testa e o Grupo De Olho Na Coisa. Ambos os grupos exemplificam como o teatro pode ser uma poderosa ferramenta de resistência cultural e transformação social. No decorrer do texto, cada um dos grupos será apresentado tecendo análises e reflexões sobre sua atuação nos movimentos sociais, tecendo paralelos globais com diferentes pesquisadores.

Inicia-se tratando do Grupo Testa, que na década de 1970, foi um dos grupos de teatro que se destacou ao alinhar sua prática com os movimentos sociais. Formado a partir da união de outros coletivos artísticos de Rio Branco, como o Sacy, Fragmentos e Baia, o grupo foi dirigido pela atriz Vera Fróes. Diferentemente de muitos grupos da época, o Testa distribuiu um vínculo institucional com o Serviço Social do Comércio (SESC) do Acre, o que foi determinante para sua atuação artística. As encenações do grupo ocorreram nas dependências do SESC, especialmente no Teatro de Arena, inaugurado em 1979.

Essa colaboração com uma entidade paraestatal possibilitou não apenas o acesso à infraestrutura, mas também a integração de funcionários do próprio SESC nos processos criativos, enriquecendo a produção teatral por meio da diversidade de contribuições.

Estudos acadêmicos têm abordado a intersecção entre arte, política e ativismo, enfatizando como espaços culturais como o SESC facilitaram a expressão artística em tempos de repressão. Cândido e Vieira (2023) abordam como grupos teatrais no Brasil, em particular aqueles que se apresentaram no SESC, utilizaram suas performances para criticar e desafiar as condições sociais impostas pela ditadura militar. Este trabalho destaca a conexão entre a prática teatral e a luta política, enfatizando a importância de espaços como o SESC na promoção da cultura popular e da resistência (CÂNDIDO; VIEIRA, 2023).

O compromisso do Grupo Testa com a pesquisa cênica e a produção coletiva foi fortemente influenciado pelas metodologias do Teatro do Oprimido, organizadas por Augusto Boal. Boal defende que o teatro deveria ser um instrumento de transformação social, transcendendo o mero entretenimento (GARCIA, 2024). Sua metodologia é inspirada na pedagogia libertadora de Paulo Freire, que promove o diálogo e a autonomia entre os participantes. Essa abordagem inovadora propõe envolver os participantes de maneira ativa na construção dos espetáculos, com a intenção de que as experiências e vozes individuais se entrelacem na formação de um coletivo durante os processos de encenação (GARCIA, 2024).

Calixto Marques (2005) menciona diversas produções marcantes do grupo, como “Baixa da égua” (1979), “Balaco Barco”, “Opereta dos Mais Pequenos”, “Verde que te quero vivo”, “Canto do Galo” e “Grilagem do Cabeça”. Cada uma dessas obras aborda questões sociais relevantes à realidade da Amazônia e seus habitantes. A representação dessas temáticas não se limitou ao palco; ela estimulou a discussão sobre desigualdades sociais e a luta por direitos em um contexto político e social opressivo. Essa defesa da arte enquanto promotora de mudanças sociais, pode ser pensava também, em diálogo com as perspectivas de Baumeister e Ziemann (2021), como “movimentos pela paz” ou seja, compreendida como uma prática simbólica e cultural que carrega em si um potencial transformador capaz de transcender a violência sistêmica.

Na abordagem de Baumeister e Ziemann (2021), os "movimentos pela paz" não se restringem à ausência de guerra, mas incluem esforços coletivos por justiça social, reconstrução de vínculos comunitários e reivindicações de memória histórica. Assim, o fazer artístico se entrelaça com a luta por direitos, liberdade e dignidade, funcionando como forma de resistência silenciosa ou explícita.

O Teatro do Oprimido, em sua essência, usa a interação entre espectadores e espectadores como uma forma de conscientização. Os espetáculos tornam-se espaços de reflexão sobre a vivência dos oprimidos, permitindo que essas mobilizações culturais tenham uma ressonância direta na luta por direitos humanos e justiça social (GARCIA, 2024). Assim, as obras do Grupo Testa ilustram o poder do teatro

como meio de protesto e ferramenta de empoderamento na resistência política e social, especialmente durante períodos de repressão, como a ditadura militar.

Conclusivamente, o Grupo Testa exemplifica o impacto da arte na mobilização social, utilizando a metodologia de Boal não apenas em suas peças, mas como uma filosofia de vida e resistência. Atuando em "movimentos pela paz" (BAUMEISTER; ZIEMANN, 2021), o grupo mostra que a arte pode, de fato, ser uma força poderosa para promover mudanças sociais significativas

Há outro marco significativo nas experimentações teatrais do Grupo Testa e de outros grupos na década de 1970 e 1980, que foram as chamadas apresentações relâmpago. Essas apresentações consistiam em esquetes leves, realizadas no Teatro de Arena do SESC e em outros espaços que, embora não fossem especificamente teatrais, permitiam a prática cênica. Esses eventos combinavam elementos de um estilo de teatro influenciado por Augusto Boal, além de práticas de acontecimento e agit-prop, que tinham como objetivo mobilizar e conscientizar o público sobre questões sociais prementes.

Essas apresentações rápidas eram uma forma de resistência em meio à repressão da ditadura militar, fornecendo uma plataforma para expressão artística em espaços que eram frequentemente censurados ou limitados. Os grupos de teatro, por meio dessas intervenções, conseguem envolver a comunidade em diálogos críticos sobre a realidade política e social do Brasil, abordando temas sensíveis e urgentes (PAPPEN, 2023).

Além disso, a estética das apresentações relâmpago permitiu o diálogo com outras formas de expressão cultural da época, como a música e a literatura, que também buscavam resistência e liberdade de expressão durante a ditadura (SANTANA, 2024). Sobre isso, Rocha (2021) aborda que a construção identitária do Brasil foi profundamente marcada pelos retratos da ditadura civil-militar, revelando que práticas profissionais e discursos institucionais da época se entrelaçaram com os mecanismos de repressão e resistência cultural. É possível dizer que, mesmo em processos de repressão e resistência, essas interseções culturais fortaleceram o trabalho dos grupos teatrais, evidenciando que o teatro e a arte, de maneira geral, eram ferramentas poderosas no combate à censura e na promoção da consciência crítica entre o povo brasileiro.

Deste modo, as manifestações do Grupo Testa e de outros coletivos refletem não apenas um capítulo importante da história do teatro no Brasil, mas também a resistência cultural e social contra a opressão, sinalizando uma importante estratégia de mobilização e crítica que se faz através da arte, mesmo nas condições mais adversárias. Traçando um paralelo, podemos pensar essa prática do Grupo Testa como proposições de – narrativas que estiveram alinhadas a redemocratização no Brasil – assunto esse abordado em uma das pesquisas de Estevez (2023). Enquanto Estevez trata do papel da impressa nesse processo, aqui destacamos algumas posturas do grupo de teatral perante as adversidades sociais enfrentadas na

época.

A esquete “A Grilagem do Cabeça” aborda o tema da grilagem de terras, uma prática ilegal de apropriação que se torna especialmente relevante na Amazônia e em áreas indígenas. Com 25 atores em cena, a montagem foi destacada não apenas pela qualidade artística, mas também pela sua forte carga política, refletindo a urgência de questões sociais no contexto brasileiro. Utilizando o Teatro Imagem, uma técnica do Teatro do Oprimido criada por Augusto Boal, uma peça que permitiu ao público visualizar e refletir sobre os mecanismos de opressão associados à posse da terra.

A técnica do Teatro Imagem é caracterizada por sua abordagem não-verbal, onde a expressão corporal e visual representa situações de opressão sem o uso de palavras. Os espectadores são convidados a interagir com a cena, apresentando soluções e alternativas.

Comparações serão feitas com outros grupos teatrais que empregam metodologias semelhantes podem em contextos de opressão. Por exemplo, o trabalho de grupos teatrais na África do Sul durante o apartheid utilizou o teatro como uma forma de resistência e mobilização (GUGLIANO; GALLO, 2013). Assim como no Brasil, esses grupos incorporaram técnicas de teatro político para conscientizar o público sobre injustiças sociais, incentivando uma abordagem crítica semelhante à do Teatro Imagem de Boal.

O segundo coletivo exposto é o Grupo De Olho Na Coisa, um dos mais longevos e influentes grupos de teatro do Acre. Fundado em 21 de janeiro de 1971, o grupo surgiu como uma iniciativa comunitária na Baixada da Sobral, em Rio Branco, e permanece ativo até os dias atuais, sendo símbolo da cultura popular acreana.

A figura central do grupo foi seu fundador e diretor, José Marques de Souza, conhecido como Matias. Nascido em Tarauacá, em 1937, Matias foi seringueiro, poeta, ativista social e teatrólogo. Após migrar para a cidade em 1969, alfabetizou-se pelo MOBRAL e passou a atuar nas Comunidades Eclesiais de Base, utilizando o teatro como ferramenta de evangelização e denúncia social.

> Com formação apenas pelo Mobral e nenhum contato com texto de teatros de outras localidades, a forma encontrada por esse autor passa essencialmente pela narrativa e como ocorre com a maior parte de textos produzidos nesse período de nossa pesquisa, pelo fio didático (ROCHA, 2006, p. 68).

Matias foi um seringueiro, poeta e contador de histórias que desempenhou um papel vital na comunidade de Rio Branco na década de 1970. Ele escreveu diversas peças que evidenciavam suas preocupações sociais com a população local. Matias foi um dos grandes mentores da Comunidade Eclesial de Base (CEB) do bairro Baía e também esteve envolvido no Partido dos Trabalhadores (PT) no Acre, formando parte de um contexto político que incluía figuras emblemáticas como Chico Mendes e Marina Silva. Ele esteve sempre envolvido com questões relacionadas à Igreja, especialmente as ligadas à

Teologia da Libertação, que busca integrar a fé cristã com a luta por justiça social. Ele atuava com uma proposta muito próxima a que os pesquisadores Zeferino e Fernandes (2020) intitularam “O sofrimento dá o que pensar: teologia pública em diálogo com a literatura marginal”.

Por meio de seu envolvimento com a CEB, Matias desenvolveu múltiplos projetos de cunho social que beneficiam os bairros periféricos de Rio Branco. Ele ajudou no processo de reestruturação de muitas famílias que migraram dos seringais para a cidade, enfrentando adversidades econômicas significativas. O teatro foi uma atividade à qual Matias dedicou grande parte de sua vida, permitindo-lhe entrevir de maneira política, artística, social e religiosa na sua comunidade. Essa proposta pode ser entendida também, como uma metologia para o diálogo inter-religioso, defendida por Panasiewicz (2018) em sua pesquisa.

A experiência teatral de Matias começou em 1968, quando ele atuava como monitor no grupo de evangelização da CEB do bairro Baía. O padre Manoel Pacífico da Costa pediu que o ex-seringueiro dramatizasse sua vida no seringal. Como Matias registrou: "Eu fui e fiz. Nesse dia eu comecei a desenvolver trabalho de evangelização e trabalho de teatro" (MATIAS *apud* ROCHA, 2006, p. 168). Assim, através do teatro, Matias conseguiu atuar diretamente nas questões que afetavam sua comunidade.

Segundo o jornal Varadouro (1978), as encenações eram descritas como “expressão da vida cotidiana” e “prática viva”, já que o grupo possuía uma prática teatral simples, centrada nas questões representativas do convívio diário da periferia. Isso fez com que os espetáculos fossem montados com a participação ativa da população local, propiciando um espaço de inclusão e expressão. Assim como grupos teatrais na África do Sul ou na América Central, em contextos de opressão, Matias e seu grupo ganharam o teatro como uma ferramenta para expressar lutas locais. O teatro se tornou um meio de conscientização e um espaço para discutir questões sociais urgentes, semelhantes às abordagens utilizadas por grupos como as práticas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, que visavam mobilizar as comunidades em torno de suas realidades (GARCÍA, 2024).

Além disso, a vivência teatral de Matias e seu envolvimento nos círculos de base mostram como o teatro pode servir como um veículo de resistência cultural. Pesquisas indicam que movimentos culturais frequentemente precedem mudanças sociais significativas; por exemplo, o Teatro Comunitário em Medellín, na Colômbia, tem se mostrado como a arte pode ser um impulsionador do diálogo social e da mobilização popular em contextos de desigualdade (SOUZA, 2016). Assim, o trabalho de Matias não apenas contribuiu para o fortalecimento da comunidade, mas também para a formação de um novo tipo de consciência política e social no Acre.

Diante desse contexto, a trajetória de Matias e o impacto de suas ações no teatro e na formação política evidenciam a interconexão entre arte e ativismo, reforçando a ideia de que espaços criativos são essenciais para a resistência social e a transformação da realidade.

Para o jornal Varadouro, em outra reportagem publicada em junho de 1978, com o subtítulo *O Teatro de Matias*, as dramatizações elaboradas pelo grupo eram expressão de um Teatro de Discussão. Essa classificação foi entendida como uma forma de expressão teatral menos expressiva que o teatro amador, uma vez que não havia nenhum trabalho de elaboração dos efeitos técnicos da cena espetacular.

Um exemplo notável de espetáculo apresentado pelo Grupo De Olho na Coisa durante esse período foi a peça *Dezessete*, cuja narrativa trazia à tona a história de um policial que, embriagado, afirmava ter matado dezessete pessoas. Essa trama baseava-se em um episódio real ocorrido no próprio bairro Baía, evidenciando a conexão íntima da peça com a realidade social vivida pelos habitantes da região. Esse tipo de dramatização é um exemplo claro do teatro como uma ferramenta de reflexão crítica, permitindo que questões de violência e segurança pública fossem discutidas abertamente em um contexto em que esses temas eram frequentemente silenciados ou ignorados.

Além de *Dezessete*, o grupo apresentou outras peças importantes, como *A Chegada da Televisão no Acre* e *O Clamor da Floresta*. Essas obras abordaram não apenas a transição e o impacto da televisão na vida social do Acre, mas também as urgentes questões ambientais relacionadas à floresta amazônica, que desempenham um papel crucial na cultura e na economia local. A escolha desses títulos reflete o tom informal e acessível das representações de Matias e sua equipe, que buscavam articuladas as experiências cotidianas da comunidade com questões mais amplas, como a moralidade e a ética que permeavam o convívio diário dos moradores.

A dramaturgia de Matias, ao incorporar realidades locais às suas narrativas, convida os espectadores a refletirem sobre suas próprias experiências e sobre o contexto sociopolítico em que vivem. Essa estratégia é uma linha com estudos que evidenciam a eficácia do teatro como ferramenta de engajamento cívico e transformação social, permitindo que os participantes se tornem agentes ativos nas discussões sobre seus direitos e realidade.

Dessa forma, o legado do Grupo perdura como um exemplo fundamental de como o teatro pode ser mobilizado em contextos de luta e resistência, promovendo uma cultura de participação e crítica social que ainda ressoa em muitas das práticas artísticas contemporâneas no Brasil e no mundo.

Em uma segunda fase, o grupo conseguiu financiamento para construir o Teatro Barracão, um símbolo representativo do grupo e um espaço, efetivo, de mobilização artística. O Barracão foi, então, construído em uma periferia da cidade de Rio Branco, o que, em parte, dificultava o acesso ao espaço, mas que tornava, contudo, o movimento teatral mais próximo das comunidades periféricas, um princípio básico para a maioria dos coletivos atuantes na época no tocante à utilidade do teatro. Como o teatro encontrava-se instalado próximo do lugar de atuação do De Olho Na Coisa, esse grupo acabou sendo o principal utilizador do espaço, realizando, nesse teatro, grande parte de suas práticas sociais.

Em 1997, a revista Aquiri registrou que o Grupo De Olho na Coisa já havia expandido, desde sua constituição como Grupo Baía, na década de 1970, suas atuações para outras e mais aprimoradas experiências artísticas. O grupo desenvolveu, durante a década de 1990, projetos de oficinas artes-educativas, oficinas de iniciação circense, capoeira, produção de máscaras teatrais, entre outras. As intervenções do grupo haviam, também, sido transpostas para outros espaços teatrais da cidade, tais como praças e igrejas, chegando a ocorrer encenações dentro de ônibus públicos. Exemplos de espetáculos apresentados pelo Grupo de Olho na Coisa, nesse período, foram as peças *O Clamor da Floresta*, *A vida na Floresta, O Homem que Vendeu a Sua Alma..., entre outros*.

O Festival Matias de Teatro de Rua, criado em 2015, homenageia o legado de Matias e reúne artistas de todo o Brasil. O Teatro Barracão Matias foi revitalizado em 2023 e segue como espaço de formação e apresentações culturais. O impacto de Matias na cultura acreana é reconhecido por diversas instituições: O Prêmio Matias de Culturas Populares, lançado pela Fundação Elias Mansour, celebra mestres e grupos que atuam com expressões culturais populares. A Sala Matias, no Teatro Barracão, abriga espetáculos e oficinas,

Em uma era marcada por repressão, o teatro serviu como um espaço de resistência, especialmente através de encenações que destacam a vida cotidiana dos moradores e promovem discussões sobre moralidade e política. O recorrente uso do teatro como forma de engajamento social é ecoado em outras partes do mundo, onde iniciativas teatrais têm sido usadas para promover mudanças sociais e conscientização em meio a crises políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro no Acre durante as décadas de 1970 e 1980, destaca-se pela sua relevância não apenas como uma forma de arte, mas como um veículo potente de engajamento social e resistência cultural. As experiências vívidas e as produções criadas por grupos teatrais, como o Grupo Testa e o Grupo De Olho Na Coisa, demonstram que a arte cênica, além de entreter, tem a capacidade de provocar discussão e mobilizar comunidades em torno de questões sociais urgentes. Com sua ligação ao SESC e a adoção do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, o Grupo Testa foi pioneiro na utilização do teatro como uma plataforma para abordar temas como a grilagem de terras e as desigualdades sociais, em um contexto onde tais questões eram frequentemente ignoradas pelos meios de comunicação.

O Grupo De Olho Na Coisa, liderado por Matias e surgido na rua da Baixada de Sobral, também desempenhou um papel significativo ao trazer à cena as lutas cotidianas dos moradores. Através do teatro de discussão, esse grupo não apenas refletiu as realidades locais, mas também estimulou diálogos sobre

os desafios sociais enfrentados por aqueles que habitavam a região. Essa prática respeitável destacou a habilidade dos grupos de teatro em transcender o mero entretenimento, integrando-se intimamente na vida comunitária e na luta por justiça.

Destaca-se a persistência e a resiliência desses grupos que, muitas vezes, que criaram e mantiveram espaços não convencionais, onde a arte se tornou um canal de voz para os marginalizados. Esse movimento de apropriação do espaço público para a realização de performances artísticas revela um compromisso profundo com a conexão da arte às realidades políticas e sociais. Dessa forma, a interpretação da realidade pelo teatro não só empoderou artistas e espectadores, mas promoveu uma conscientização coletiva sobre as injustiças que permeavam a vida local.

Apesar do impacto significativo observado entre os grupos envolvidos, é importante reconhecer as limitações desta pesquisa. A escassez de documentos e registros formais sobre as produções artísticas com caráter histórico dificulta a construção de um panorama amplo e acurado. Soma-se a isso a singularidade do contexto cultural acreano, que nem sempre se alinha às generalizações frequentemente aplicadas ao movimento teatral brasileiro como um todo. Tal particularidade reforça a necessidade de considerar a diversidade das expressões artísticas e das formas de resistência social presentes nas diferentes regiões.

Uma investigação mais aprofundada sobre a recepção das obras teatrais pelos públicos locais, bem como sobre a evolução das temáticas abordadas ao longo do tempo, poderia contribuir significativamente para ampliar a compreensão da relação entre teatro e sociedade no contexto amazônico.

Concluindo, o teatro no Acre, especialmente no contexto de grupos como o Grupo Testa e o Grupo De Olho Na Coisa, é uma expressão artística rica e significativa que, mesmo diante de limitações, se afirma como um agente vital de transformação social. A herança desses movimentos, longe de ser um relicário do passado, continua a inspirar práticas contemporâneas de teatro, reforçando a ideia de que a arte é capaz de ser uma força de resistência e um motor de mudança. Em tempos de opressão e adversidade, o teatro se destaca como um instrumento potente de engajamento social, promovendo a reflexão crítica e uma possível reconfiguração das relações sociais, políticas e culturais na região do Acre e além. Portanto, a necessidade de investigações mais profundas, que abrangem tanto os legados históricos quanto as práticas contemporâneas, é essencial para que a força do teatro como um meio de resistência e transformação possa ser plenamente integrada e valorizada.

REFERÊNCIAS

ABED, M. “The role of theatrical and artistic activities in the educational process and alleviating psychological trauma”. **The American Journal of Interdisciplinary Innovations and Research**, vol.

6, n. 1, 2024.

ALVIM, V. R. **Dança cênica no Acre**: por uma inserção na cartografia nacional (Tese de Doutorado em Artes). Brasília: UnB, 2018.

ANTONSICH, M. "Territory and territoriality". **Political Geography**, vol. 53, 2017.

BAUMEISTER, R.; ZIEMANN, U. "Introdução: Movimentos pela Paz no Sul da Europa durante as décadas de 1970 e 1980". **Journal of Contemporary History**, vol. 32, 2021.

BELOV, A. "Territory, territoriality and territorial politics as public law concepts". **Journal of Law and Society**, vol. 48, n. 1, 2021.

BEZERRA, T. G. V. S.; AMORIM, P. K. D. F.; PACHAECO, F. A. D. M. "Estrutura organizacional: o caso do IFTO". **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, vol. 2, n. 1, 2024.

BUSBY, S. "Applied theatre: research-based theatre, or theatre-based research? Exploring the possibilities of finding social, spatial, and cognitive justice in informal housing settlements in India, or tales from the banyan tree". **Arts**, vol. 13, n. 2, 2024.

CALIXTO MARQUES, M. P. S. **A cidade encena a floresta**. Rio Branco: Editora da UFAC, 2005.

CAMARA, M. A. A. "A construção da memória social em movimentos sociais e a trajetória dos direitos humanos no Brasil". **Caderno CRH**, vol. 32, n. 3, 2020.

CAMARGOS, J. "Theatrical training marked by popular education and popular culture: a means of emancipation for young people". **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, vol. 13, n. 4. 2023.

CÂNDIDO, R.; VIEIRA, A. "A violação dos direitos humanos de professores universitários na ditadura civil-militar: um estado da arte". **Eccos – Revista Científica**, vol. 65, 2023.

ÇAYLI, H. 'Victims and protest in a social space: Revisiting the sociology of emotions". **Emotion, Space and Society**, vol. 22, 2017.

CREASAP, K. "Social movement scenes: Place-based politics and everyday resistance". **Sociology Compass**, vol. 6, n. 11, 2012.

CRUZ, S. P. S; GALVÃO, A. M. O. "Relação educação-cultura e formação cultural docente: perspectivas de pesquisas historiográficas". **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, vol. 33, 2025.

ESTERCI, L. B.; SCHWEICKARDT, P. "Recognition of common interests leads to social partnerships". **Journal of Community Psychology**, vol. 38, n. 3, 2010.

FALUDI, A. "European integration and the territorial-administrative complex". **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, vol. 98, n. 1, 2016.

FORD, A. "Alternative media and environmental activism in the Amazon: Communication strategies of resistance". **Journal of Environmental Media**, vol. 14, n. 2, 2023.

FREEBODY, K. "What is the problem of inequality, and can we solve it?" **Nordic Journal of Art and Research**, vol. 12, n. 2, 2023.

FREITAS, C. A. M.; *et al*. "Análise de dados qualitativos". **Saúde em Debate**, vol. 44, n. 125, 2020.

GARCÍA, R. "El teatro del oprimido como ferramenta artística e pedagógica". **Tercio Creciente**, vol. 26,

2024.

GOLDMANN, K. “Keepers of the culture at 3201 Adeline street”. **California History**, vol. 98, n. 1, 2021.

GREGORZEWSKI, M. *et al*. “Addressing SDG16.2: Eliminating violence towards children – An applied theatre approach”. **Nordic Journal of Art and Research**, vol. 12, n. 2, 2023.

GUGLIANO, A.; GALLO, C. “On the ruins of the democratic transition: human rights as an agenda item in abeyance for the Brazilian democracy”. **Bulletin of Latin American Research**, vol. 32, n. 3, 2013

HOLE, R.; SCHNELLERT, L. “Disability theatre as critical participatory action research: lessons for inclusive research”. **Social Sciences**, vol. 13, n. 2, 2024.

HSIAO, J.; WAN, M. “The student-led movements of 2014 and public Opinion”. **Asian Journal of Comparative Politics**, vol. 3, n. 2, 2018

JI, Y. “A methodological exploration of document analysis as a qualitative research method”. **Korean Association for Qualitative Inquiry**, vol. 10, n. 3, 2024.

JUNG, J. S. *et al*. “Examining the relationship between social movements and urban aesthetics: A case study of the anti-evacuation campaign in Seoul”. **Urban Studies**, vol. 51, n. 15, 2014.

JUNQUEIRA, R. “Social movements and public spaces: The role of theater in political activism in Brazil”. **Sociological Perspectives**, vol. 56, n. 2, 2013.

LUZ, G. M. “Revisitando a “Amazônia: emoções, vivências e resistências”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 6, n. 16, 2021

MACIEL, A.; MELO, A.; SOUZA, T. “The impact of social movements on social change during the Brazilian social protests”. **Journal of International Relations**, vol. 15, n. 1, 2021.

MELO, E. **Teatro de grupo no Estado do Acre**: trajetória, prática e a inserção do estilo regional (Dissertação de Mestrado em Artes). Campinas: UNICAMP, 2010.

MICKEVICIUS, A. *et al*. “The impact of the efficiency of administration of territorial planning processes on the development of territories: Case study of Pagėgiai Municipality, Lithuania”. **Baltic Surveying**, vol. 9, 2022.

MIRANDA, E. M. “A invenção discursiva da amazônia a partir das cartas de viajantes europeus”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

MIRANDA, E. M. de; MIRANDA, H. C. de. “Identidades regionais e acreanidade na prática teatral de grupos acreanos (1999 -2010)”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 17, n. 50, 2024.

MONICA, A. *et al*. “Impact of strategic management implementation on employee performance: a case study of UPTD BTIKP Disdik South Sumatra”. **Proceedings of the 7th FIRST 2023 International Conference on Global Innovations**. Palembang: Atlantis Press, 2024.

MORAES, Y. Y.; MARTINS, E. B. C. “Escolas confessionais paulistas e a presença do serviço social”. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, vol. 15, n. 4, 2023.

MULLANY, A. “The ACT in health activism: teaching street theater to college students”. **Pedagogy in Health Promotion**, vol. 10, n. 2, 2024.

PANASIEWICZ, R. M. “Inspiração para uma metodologia do diálogo inter-religioso”. **Horizonte –**

Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, vol. 16, n. 50, 2018.

PAPPEN, P. "Tradução e teatro amador: conceitos de uma pesquisa prática". **Cadernos de Tradução**, vol. 43, n. 1, 2023.

PIZARRO, M. A. "A luta pela terra: a resistência dos seringueiros na Amazônia". **Revista de Estudos Sociais**, vol. 8, n. 2, 2014.

RANZY, A. "The dynamics of colonization in the Amazon". **Journal of Amazonian Studies**, vol. 10, n. 1, 2008.

RAY, S. *et al*. "Supporting WFN collective social entrepreneurship through social movement learning and critical participatory action research". **New Horizons in Adult Education and Human Resource Development**, vol. 36, n. 1, 2024.

ROCHA, Airton Chaves da. **A reinvenção e representação do seringueiro na cidade de Rio Branco – Acre (1971-1996)** (Tese de Doutorado em História Social). São Paulo: PUCSP, 2006.

ROCHA, N.; MARTINS, L. "Metodologias de pesquisa em textos científicos: um olhar para a educação em saúde". **Peer Review**, vol. 6, n. 1, 2024.

ROCHA, R. "A construção identitária da psicologia no Brasil: retratos da ditadura civil-militar brasileira". **Mnemosine**, vol. 17, n. 2. 2021.

SANTANA, E. "História, memória e educação: ditadura militar e extrema direita na internet". **Revista Binacional Brasil-Argentina Diálogo Entre as Ciências**, vol. 13, n. 1, 2024.

SANTIAGO, E. T. P. "Manifestações da mimese na dramaturgia Amazônica: um percurso historiográfico literário da representação da mulher no teatro de Rondônia". **Das Amazônias**, vol. 7, n. 2, 2024.

SERTICH, S. "Transformational power of theatre of the oppressed with marginalized students". **Dialogues in Social Justice**, vol. 6, n. 1. 2021.

SILVA, R.; CORREIA, M. A. "Historical context and social movements in the Acre region: The importance of community mobilization"**. Journal of Social Movements**, vol. 21, n. 1, 2022.

SOUZA, A. "A teologia latino-americana como teologia prática, em diálogo com Henri Bourgeois". **Atualidade Teológica**, vol. 2016, n. 1, 2016.

SPENCER, R. *et al*. "'I want to be screened just like the pirates!': the power of community-based participatory research (CBPR) theatre to aid research participation". **Gateways International Journal of Community Research and Engagement**, vol. 16, n. 1, 2023.

WASMUTH, S. *et al*. "Narrative theater to examine and mitigate anti-black racism within occupational therapy". **OTJR: Occupation, Participation and Health**, vol. 43, n. 1, 2022.

ZEFERINO, J.; FERNANDES, M. "O sofrimento dá o que pensar: teologia pública em diálogo com a literatura marginal". **Teoliteraria – Revista de Literaturas e Teologias**, vol. 10, n. 21, 2020.

ZUBRICKIENĖ, I.; ANUŽIENĖ, B. "Experiences of expressing social justice in non-formal adult education". **Society Integration Education: Proceedings of the International Scientific Conference**, vol. 1, 2022.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 23 | Nº 67 | Boa Vista|2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima